



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

JORGIVAL DE SANTANA

HISTÓRIA E PATRIMONIALIZAÇÃO DO CEMITÉRIO DOS
NÁUFRAGOS EM SERGIPE

São Cristóvão

2014.2

JORGIVAL DE SANTANA

HISTÓRIA E PATRIMONIALIZAÇÃO DO CEMITÉRIO DOS NÁUFRAGOS EM SERGIPE

Artigo Científico apresentado ao curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Sergipe como requisito para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientação: Prof. Dr. Claudefranklin Monteiro Santos.

São Cristóvão

2014.2

HISTÓRIA E PATRIMONIALIZAÇÃO DO CEMITÉRIO DOS NÁUFRAGOS EM SERGIPE

Jorgival de Santana¹

Resumo:

O presente trabalho tem como principal objetivo destacar como o Cemitério dos Náufragos se tornou Patrimônio Histórico Estadual de Sergipe. A partir de uma síntese da Primeira Guerra mundial e uma abordagem um pouco mais ampla da Segunda Guerra Mundial, discutiremos os torpedeamentos realizados pelo submarino alemão U-507 em agosto de 1942 como principal motivador para a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, visto que os seus efeitos ocasionaram centenas de mortes no litoral brasileiro. A pesquisa partirá da análise das duas principais guerras ocorridas no século XX, culminando com a análise do Cemitério dos Náufragos como um importante patrimônio para a história e a memória local e também nacional.

Palavras chaves: Cemitério dos Náufragos – Patrimônio - Memória.

Abstract:

This paper aims to highlight how the Shipwreck Cemetery became State Heritage of Sergipe. From a synthesis of the First World War and a somewhat broader approach of World War II, we discuss the torpedeamentos conducted by the German submarine U-507 in August 1942 as the main motivator for Brazil's entry into World War II, as the effects caused hundreds of deaths in the Brazilian coast. The search will start from the analysis of the two major wars occurred in the twentieth century, culminating in the analysis of the Cemetery of Castaway as an important asset for the history and the local and national memory also.

Keywords: Cemetery Shipwreck - Heritage - Memory

¹ Aluno do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: jorgival82@hotmail.com

UM SÉCULO BELIGERANTE

Sombrio. Pouco iluminado, cinzento, triste, melancólico, ao abrigo da luz [...]. Trata-se ao nosso ver, de um século sombrio- e não de trevas. Sombrio no sentido de que as luzes brilhavam de forma intermitente, obscurecidas por períodos de escuridão e treva, resultando num tempo de guerras, genocídios, pobreza de massas, extremismos e opressão, ainda mais penoso porque não mais se acreditava no mundo como espaço de magia, um lugar de purgação. Sombrio no sentido exato de que a luz foi sempre possível, com tudo obscurecida, adiada e cada vez mais distanciada do tempo presente. É nesse sentido que afirmamos o século XX como um tempo sombrio. (SILVA, 2004. p.1)

Apesar dos grandes avanços científicos, foi no século XX que o mundo vivenciou os maiores conflitos da sua história. Longe das catástrofes naturais ou epidêmicas de outros séculos, as guerras motivadas pela ganância humana ceifaram a vida de milhões de pessoas; por isto o professor Francisco Carlos Teixeira da Silva descreve o século XX como um tempo sombrio, porém, afirma que a “luz” foi sempre possível, esta havia sido adiada.

É importante recordar que entre os anos de 1914 a 1918 eclodiu a Primeira Guerra Mundial; período catastrófico em que milhões de pessoas morreram. Tendo como principais nações envolvidas: França, Inglaterra, Rússia por um lado e a Alemanha do outro. A principal razão foi a disputa econômica entre estes países, foi uma guerra imperialista, onde as rivalidades políticas expressavam a competição econômica das potências em conflito. “*A gota d água para a eclosão da guerra foi um atentado que levou à morte o príncipe herdeiro do trono austríaco, realizado em Sarajevo, capital da atual Bósnia, então uma província do Império Austro-húngaro.*” (MOTTA, 2005).

O conflito que se imaginava terminar rapidamente durou quatro anos; os motivos principais são: entre os primeiros países envolvidos no conflito havia acordos de proteção com outras nações caso sofressem ataques por terceiros, isto permitiu que o confronto tomasse proporções muito maiores do que se imaginava, outra razão foi o uso de trincheiras como principal estratégia de contenção de exércitos inimigos, desta forma o conflito não avançava tornando a guerra lenta e duradoura.

O domínio da artilharia e a incapacidade de vencer decisivamente o inimigo dariam um caráter estático à guerra, sem a possibilidade de avanço real de nenhuma das partes. De temporárias, as trincheiras passaram a ser então definitivas. Desde o Mar do Norte até Verdun, os soldados permaneciam entrincheirados e milhares de homens ali morreram sem que uma das partes alcançasse a vitória. (MOTTA, 2005).

Um aspecto importante a ser destacado, foi o uso de submarinos pelos alemães, estas armas eram extremamente importantes para impedir que a Tríplice Entente (Aliança que envolvia a Inglaterra, França e a Rússia), se abastecesse; por esta razão a população sofria de carência de víveres, muitos morriam de fome; a solução encontrada para diminuir o êxito dos ataques aos submarinos foi bastante simples: o tráfego em comboios. Até que a solução fosse encontrada muito grande foi o prejuízo para os aliados e a população em geral. A morte não estava restrita aos campos de batalha, a fome se alastrou por vários países da Europa vitimando idosos e crianças.

Apesar da letargia das batalhas, a Primeira Grande Guerra chega ao fim em 1918 com a Alemanha sendo derrotada. Agora chega a hora do acerto de contas, quem será responsabilizado pelos danos do conflito? Para este fim, em 19 de janeiro de 1919 reuniu-se a Conferência de Paris, onde os termos da paz foram discutidos com a presença dos representantes da França, Inglaterra e dos Estados Unidos. Os derrotados não foram ouvidos. Após a Conferência, comunicaram-se aos vencidos e ao mundo os termos de uma paz, é importante ressaltar que as decisões da referida conferência não foram negociadas, como foi dito anteriormente os vencidos não foram ouvidos, portanto, as decisões ocorreram independentes da vontade das nações derrotadas. As insatisfações e revoltas eram certas.

Conhecido pelo nome de Tratado de Versalhes pelos aliados e “Ditado de Versalhes” para os alemães, os termos de paz eram muito cruéis para a Alemanha. Ela sofreu sanções enormes, entre elas podemos listar: perda de territórios conquistados, cessão das colônias às nações vencedoras. Suas perdas se estendem às indenizações punitivas, ou seja, teria que pagar 132 bilhões em marcos-ouro, divididos em quotas, durante trinta anos. Seus bens e investimentos nacionais e no estrangeiro foram confiscados. Anualmente deveria entregar 40 milhões de toneladas de carvão aos aliados durante dez anos.

As imposições à Alemanha vão até a desmilitarização do exército, durante doze anos o engajamento no exército não poderia ser obrigatório, mas voluntário. O Tratado de Versalhes colocou a Alemanha em uma situação em que dificilmente se reergueria enquanto nação competitiva. O evento a obrigava a admitir a sua inteira responsabilidade pela deflagração da guerra, por isso a sua punição foi muito mais severa.

Os aliados da Alemanha também foram punidos, o império Austro-húngaro, o Império-Otomano e a Bulgária. Pelo Tratado de Saint-Germain, de 10 Setembro de 1919, e de Trianon, de quatro de junho de 1920, o Império Austro-húngaro desapareceu, dando lugar a diversos países independentes: Áustria, Hungria, Checoslováquia, Iugoslávia e Polônia. Quanto ao Império Otomano, pelo tratado de Séveres, de 11 de agosto de 1919, ruiu dando lugar a novos estados a partir dele surgiu: o Iraque, a Síria, o Líbano, a Palestina e a Turquia. A Bulgária, pelo Tratado de Neully, de 27 de novembro de 1919, perdeu todas as suas costas marítimas no mar Egeu, em favor da Grécia.

Diante das humilhações sofridas pelas nações vencidas através dos muitos tratados que se seguiram após o conflito, é de se imaginar que em questão de tempo uma ou outra nação iria reagir à situação a que foi submetida. Assim, diz Motta: “A primeira Guerra Mundial terminara, mas não cessaram ali seus efeitos [...]. Os anos posteriores iriam mostrar que ela não terminara. As rivalidades continuaram o desejo de revanche também. A segunda Guerra não tardaria a acontecer.” (2005).

Os anos que se seguiram à Primeira Guerra Mundial, foram de hiperinflação à moeda alemã devido às reparações de danos que teve que pagar. Aquele período de hiperinflação, por volta de 1923, combinado com os efeitos da Grande Depressão de 1929 abalou seriamente a estabilidade da economia alemã, acabando com as economias pessoais da classe média e gerando desemprego em massa. Neste cenário de caos econômico, as agitações sociais se tornaram recorrentes, isto fez com que o governo criado pós Tratado de Versalhes (República de Weimar) se enfraquecesse de forma bastante significativa. Os esforços das potências europeias ocidentais para marginalizar a Alemanha, tiveram como resultado o enfraquecimento e isolamento de seus líderes democratas, fazendo surgir entre a população alemã a ideia de que era necessário recuperar seu prestígio nacional através da remilitarização e da expansão territorial.

Foi o partido Nacional Socialista dos Trabalhadores (NAZIS) aquele que mais soube explorar em proveito próprio o ódio que grande parcela da sociedade alemã nutria por aqueles que teriam humilhado a Alemanha a partir do tratado de Versalhes. O NAZIS foi criado em abril de 1920, por Adolf Hitler, o partido atribuiu todas as mazelas da Grande Depressão à ação dos comunistas, socialdemocratas, judeus, banqueiros, grandes empresários e, também aos países vizinhos, que se empenhavam em impedir que a Alemanha se realizasse como grande nação.

Seu desejo de tornar a Alemanha a nação mais poderosa do mundo, subjugando as demais, havia se combinado perversamente com a covardia dos demais estadistas europeus, que não souberam contê-lo no momento certo, tornando então a guerra inevitável (GONÇALVES, 2005. p.168).

Em 30 de janeiro de 1933, Hitler se tornou chanceler da Alemanha. A sua ascensão significou o fim da República liberal-democrática inaugurada em 1919, em seu lugar foi instalada uma ditadura totalitária.

O objetivo de Hitler era construir a Grande Alemanha e obter a hegemonia do continente e no mundo, sob a justificativa da superioridade da raça ariana. Para implantar seu objetivo começou a trabalhar sua política externa ao se aproximar de países estratégicos como a Itália de Mussolini e do Japão através do Pacto Anti-Komintern. Todos estes países tinham objetivos expansionistas. Devido à crise de 1929 estavam passando dificuldades em suas respectivas economias, o crescimento econômico era primordial, a expansão de seus domínios seria bastante oportuno naquele contexto.

Para tanto, aproximou-se, de Hitler, depois do insucesso da tentativa de firmar uma aliança antialemã com a França. Primeiro, substituiu Maxim Litvinov por Michailovitch V. Molotov; Litvinov estava muito comprometido com a diplomacia ocidental e Molotov era de toda confiança de Stálin. Em seguida, em agosto de 1939, assinou o pacto de não-agressão com a Alemanha, o conhecido Pacto Molotov-Ribbentrop. Com a assinatura do pacto Stalin acreditava estar quebrando a unidade do campo ocidental; além disso, por meio do protocolo secreto, os dois dividiram a Polônia em áreas de influência, ficando ainda para a URSS os três países bálticos e a Bessarábia. (GONÇALVES, 2005.p.169.)

Foi justamente o rompimento deste acordo que fez com que a Segunda Guerra Mundial fosse deflagrada em 1939. Pois em três de setembro do mesmo ano, a França e a Inglaterra declaram guerra à Alemanha devido à invasão à Polônia. Era de se esperar uma resposta imediata da URSS, porém isto não aconteceu em vez de apoiar a Polônia Stalin se preocupou em proteger seus espaços de maior vulnerabilidade como, por exemplo, Leningrado devido ao seu espaço estratégico.

A primeira fase da guerra foi caracterizada pela falta de ação. Ainda havia a crença da possibilidade de vencer a Alemanha através de um bloqueio econômico. Os franceses permaneceram estáticos por trás da Linha Marginot. Os britânicos concederam poderes de emergência ao governo e imediatamente começaram a se preparar para se protegerem de possíveis bombardeios em suas principais cidades. As cidades inglesas mais movimentadas adotaram medidas de segurança e prevenção: lugares públicos como cinema, teatro e outros onde pudessem reunir grande número de pessoas foram fechados, conduzir os veículos com os faróis apagados também fazia parte do esquema de segurança. Nos momentos iniciais a guerra limitava-se à propaganda através de panfletos e do rádio.

Os únicos combates mais sérios ocorreram no mar, por causa da devastadora ação dos submarinos alemães e do navio alemão Graff Spee, que atuando no Atlântico Sul, afundou nove cargueiros britânicos até ser cercado por estes e afundado pelo próprio comandante, próximo ao porto de Montevideu. (GONÇALVES, 2005.p.169).

As conquistas alemãs se expandem vertiginosamente até chegar à França:

Apavorado com o avanço dos blindados alemães, o governo francês foi transferindo a capital primeiro de Paris para Tours, depois para Bordeaux, enquanto Reynaud lançava desesperados e inócuos apelos a Roosevelt para que os americanos impedissem a vitória alemã. (...), o presidente da república Albert Lebrun desistiu de transferir a sede do governo para alguma colônia do norte da África e de lá conduzir a guerra contra os alemães e assinou a rendição, em 22 de junho de 1940. (GONÇALVES, 2005.p.176).

A rendição da França representou um grande triunfo para Hitler e a abertura de uma profunda ferida na nação francesa. As condições alemãs para o armistício foram apresentadas em 21 de junho: a metade norte da França (inclusive Paris) e toda costa atlântica seriam

ocupadas pelos alemães; um governo francês seria responsável pela administração em todo o país, cooperando com as forças alemãs na zona de ocupação e pagando os custos de manutenção das forças alemãs; as tropas francesas seriam desmobilizadas e a frota francesa permaneceria no porto de Toulon; quanto ao império colonial, não seria tocado.

Uma vez assinada a rendição, Pétain instalou a sede do governo na cidade de Vichy. Deste modo iniciava uma divisão no território francês. De um lado, os partidários de Vichy, representando a França conservadora, próspera e clerical, que escolhera a tríade “Trabalho, Família, Pátria” como dístico. De outro lado, os que seguiram o chamamento lançado pelo general Charles de Gaulle, em 18 de junho, para que os franceses continuassem na guerra. Enquanto a facção de Pétain e Laval tornou-se tristemente conhecida por sua presteza em colaborar com os invasores nazistas, a facção de De Gaulle recebeu o apoio de Churchill e deu eco aos sentimentos de todos os setores democráticos e progressistas de toda a sociedade francesa, dirigindo a resistência a partir da África mediterrânea.

A real situação da Europa era a seguinte: a Alemanha tinha todo o controle do continente e a Inglaterra estava isolada. Havia uma grande ansiedade por parte dos ingleses de uma intervenção americana, porém os americanos até aquele momento estavam neutros. Porém esta condição de inércia estava prestes a chegar ao fim. No dia 7 de dezembro de 1941 o Japão, aliado da Alemanha e Itália, atacou a base naval de Pearl Harbor, localizada no arquipélago do Havaí; o ataque foi fulminante, sem que os americanos percebessem foram surpreendidos covardemente pelos bombardeios dos aviões japoneses nas primeiras horas do dia 7 de dezembro de 1941. Muitos porta-aviões foram destruídos, a esquadra americana foi fortemente atacada sem poucas chances de reação devido à maneira que foi planejada. Os poucos aviões que conseguiram alçar voo foram insuficientes para deter os ataques; a resistência restringiu-se basicamente em armamentos antiaéreos. Classificado como bem sucedido pelos japoneses, e covarde pelos americanos que até aquele momento não tinham recebido da parte do Japão a declaração de guerra; sabe-se que este foi o estopim para a entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial.

Após a declaração de guerra ao Japão, a Alemanha declarou guerra aos Estados Unidos. O conflito que estava concentrado na Europa toma proporções mundiais.

A respeito do ataque japonês, afirma Gonçalves:

No dia 7 de dezembro de 1941, sob o comando do almirante Yamamoto, e sem prévia declaração de guerra, 353 aviões chegaram a Pearl Harbor sem serem detectados e em 2 horas destruíram 350 aeroplanos, 5 encouraçados e atingiram 3,7 mil homens. (Gonçalves. 2005 p.178)

Depois do ataque, os japoneses passaram a exercer total controle sobre o Oceano Pacífico, tendo tomado, em maio de 1942, Malásia, Cingapura, Birmânia, Hong Kong, as Índias Orientais Holandesas, as Filipinas e duas possessões americanas: Guam e ilha de Wake.

A Razão principal para a expansão japonesa residia na dialética entre crescimento econômico e carência de matérias-primas estratégicas. Quanto mais a indústria japonesa crescia, mais necessidade criava de importar ferro, carvão e petróleo. Buscando conter o imperialismo japonês, sem entrar num conflito direto, os Estados Unidos, principais provedores de petróleo dos japoneses, passaram, assim como os holandeses, a controlar as exportações para o Japão.

Esse processo atingiu o ápice quando, em julho de 1939, os Estados Unidos comunicaram que, a partir de janeiro de 1940, o tratado Americano-japonês de comércio e navegação estaria suspenso.

No dia 11 de dezembro de 1941, imediatamente após o ataque japonês a Pearl Harbor, Hitler declarou guerra aos estados Unidos. Quando isto aconteceu o congresso americano já não tinha mais dúvidas quanto a entrada do país no confronto.

Quando os estados Unidos entram em estado de beligerância, o Brasil fica apreensivo, pois em outubro de 1940 o Brasil havia participado de uma comissão mista de defesa dos estados americanos em Havana. Com isto o governo brasileiro acaba por romper as relações diplomáticas com os países do Eixo (Aliança composta por Alemanha, Japão e Itália na Segunda Guerra Mundial).

A aproximação com Washington reflete a força do chanceler Oswaldo Aranha no interior do governo de Getúlio Vargas. Desde o começo da Guerra, praticamente sozinho, o então ex-embaixador brasileiro nos Estados Unidos, trava uma queda de braço com os líderes militares, que pregam uma aliança com os nazifascistas. (MONTEIRO, 2012, p.39).

É importante destacar a importância do chanceler Oswaldo Aranha, na medida em que permanece ao lado dos estados americanos e suporta a pressão interna por parte de militares simpatizantes dos regimes totalitários europeus. Considerando que naquele momento o Brasil estava sendo governado por um regime ditador (Estado Novo), que existiu entre os anos 1937 e 1945, é possível imaginar o poder que os militares exerciam, mesmo assim Aranha mantém negociações e acordos com os Estados Unidos, principal potência americana.

A partir dos ataques aos Estados Unidos o Brasil rompe as relações diplomáticas com os países do eixo:

De início, o Brasil se posicionou prestando solidariedade aos estados Unidos. Mas em 28 de janeiro de 1942, em decorrência da resolução I da Terceira Reunião de Consulta dos Ministros das relações exteriores das Repúblicas Americanas, rompeu as relações diplomáticas e comerciais com o Eixo. (SANTOS, p.2).

As consequências não demoraram a acontecer, considerando que em 15 de fevereiro de 1942, exatamente 18 dias depois do rompimento das relações diplomáticas com a Alemanha, o navio Brasileiro Buarque foi atingido por um torpedo alemão. Este foi apenas o primeiro de uma série de ataques a navios mercantes da nossa nação. Foi justamente por causa destes ataques que em agosto de 1942 o Brasil declara oficialmente guerra aos países do eixo.

O DIA EM QUE DECIDIMOS LUTAR

(...) o submarino emergiu, acendeu os holofotes e atirou rajadas de metralhadora sobre os sobreviventes. (Depoimento de um sobrevivente do Baependi, Cruz, p. 24).

Antes dos acontecimentos que levaram o governo brasileiro a declarar guerra aos países do Eixo, é importante frisar que não havia o mínimo propósito de participação do Brasil no conflito originado no continente europeu: *“No Brasil, o governo decretou total e absoluta neutralidade (Decretos nº... 4623 e 4624 de 5 de setembro de 1939) corroborando a tese defendida por todos os governos dos países americanos.”* (SANTOS, 1977. p.01)

O avanço da guerra, porém, preocupou as nações do novo mundo. Em julho de 1940, o Brasil participou juntamente com outros países americanos de uma reunião em Havana, capital de Cuba, a fim de discutir a posição da América em relação à guerra que estava se espalhando. O resultado da reunião foi consensual no seguinte aspecto:

Todo atentado de estado não americano contra a integridade ou a inviolabilidade do território, contra a soberania ou independência política, de um estado americano será considerado como ato de agressão contra os estados que firmam esta declaração. (SANTOS, 1977, p.01).

O ataque japonês à base americana de Pearl Harbor em 07 de dezembro de 1941 trouxe o conflito à América forçando os estados americanos se posicionarem como nações beligerantes, ainda que inicialmente não houvesse o interesse em participar do conflito.

O curioso é que mesmo após os bombardeios japoneses aos norte americanos, o Brasil não declara guerra ao Japão, tendo em vista o acordo assinado em Havana em 1940. Seria Precaução? Ou como muitos afirmam: simpatia pelos países totalitários?

Pensando na precaução, é de se reconhecer que a defesa nacional (marinha, exército e aeronáutica) não estava aparelhada para um conflito de tamanha magnitude; vale lembrar que as nações envolvidas na guerra estavam em um estágio de industrialização bem à frente do Brasil. Porém, a pressão para o cumprimento dos acordos firmados obrigou o Brasil a se posicionar de forma contrária ao Eixo, ainda que não tenha declarado guerra até agosto de 1942:

De início, o Brasil se posicionou prestando solidariedade aos Estados Unidos. Mas em 28 de janeiro de 1942, em decorrência da resolução I da Terceira Reunião de Consulta dos Ministros das Relações Exteriores das Repúblicas Americanas, rompeu as relações diplomáticas e comerciais com o eixo Roma-Berlim. (SANTOS, p. 02)

Já é de se imaginar que a postura do governo brasileiro incomodou tanto a Alemanha quanto à Itália. Percebendo a tendência do Brasil em seguir aos aliados (nome dado aos países que combateram o Eixo), o ministro Kurt Prufer, embaixador da Alemanha no Brasil, declarou: “*A ruptura das relações diplomáticas entre o Brasil e a Alemanha, significaria, indubitavelmente, o estado de Guerra Latente, acarretando, provavelmente, ocorrências que equivaleriam à eclosão da guerra efetiva*”. (SANTOS, 1977, p.03).

Diante das circunstâncias, a escolha de Getúlio Vargas em decidir de que lado ficaria em caso de uma possível entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial estava gradativamente se revelando; ainda que não houvesse uma identidade política com os Estados Unidos, visto que, o regime adotado por Vargas para governar desde 1937 (Estado Novo) era ditador e arbitrário, mais próximo do fascismo italiano e do nazismo alemão.

A partir do momento em que há o rompimento com os países do eixo, o Brasil permite que o governo americano use bases tanto aéreas quanto navais, como por exemplo, a de Natal, capital do Rio Grande Norte; tida como ponto estratégico: *“Por meio de Natal, seria entregue grande quantidade de equipamento militar, principalmente aeronaves, às forças combatentes britânicas e soviéticas. A partir delas os norte-americanos também patrulhariam e protegeriam todo o tráfego marítimo do Atlântico Sul.”* (ALVES, 2002.p.118).

Depois da declaração do ministro alemão, os militares brasileiros ficaram alerta quanto uma possível represália. Pensar a possibilidade do ataque e de que forma ocorreria era fundamental para uma provável reação e proteção. *“Previu o General Leitão Carvalho que seriam praticadas ou por ações de curso ou por ataque de submarino. Concretizou-se a última hipótese, na parte mais vulnerável do território brasileiro: a região litorânea, entre a Bahia e o Maranhão”.* (SANTOS, 1977. p.08).

O General Leitão Carvalho acompanhado do Cel. Renato Onofre Pinho Aleixo, este último comandante da 6ª Região Militar; esteve no nordeste analisando a região a fim de avaliar o estado de segurança em caso de guerra. Quando passou em Sergipe foi recebido pelo interventor Cel. Augusto Maynard Gomes com bastante entusiasmo. O referido militar lançou em 1952 um livro que registrava a experiência vivida durante a tensão enfrentada pela defesa nacional temerosa de um ataque iminente. Na obra registra a impressão que teve de Sergipe:

Do livro do Gen. Carvalho procede este registro: ‘Embora de reduzida guarnição militar, constituída apenas de um batalhão de caçadores, e situado geograficamente fora da zona provável de ataque inimigo, só vantagens havia, no entanto, em criar nele, como nos demais, uma atmosfera de exaltação patriótica, propícia aos grandes esforços necessários à sustentação da luta. (SANTOS, 1977. p.08).

Sergipe recebeu a visita do alto escalão do exército para montar um esquema de segurança. O alto escalão do exército foi muito bem recebido em Sergipe. O Cel. Augusto Maynard (interventor do estado) de maneira cordial recepcionou o general Leitão Carvalho e ao Cel. Renato Onofre Pinho Aleixo. O propósito era montar um esquema de segurança em Sergipe.

Havia um clima de receio principalmente por causa de ataques a navios em março de 1942. A participação de estudantes com o apoio de diversas classes sociais contribuiu para chamar a atenção da população para a extensão da guerra que já estava afetando o estado brasileiro.

As manifestações se intensificam em agosto de 1942, quando aconteceram entre os dias 15, 16 e 17 de Agosto ataques aos navios mercantes: Baependi, Araraquara, Aníbal Benévolo, Itagiba e Arará. São afundados covardemente no litoral do nordeste, a professora Maria Nele classifica os ataques como: “... a gota d’água de agressão, [...], que derramaria o copo da indecisão getulista e reacenderia o nacionalismo adormecido do brasileiro”.(SANTOS, 1977. p.08).

O ataque foi realizado pelo U-507, submarino Classe VII, um dos diversos *Unterseebootes* alemães em missões pelo Atlântico, naquele momento em sua terceira patrulha sob o comando do Capitão Harro Schacht, recebeu ordens em 7 de agosto para “manobras livres” na costa brasileira, Conforme as ordens do Almirante Karl Doenitz. Era o sinal para atacar.

Os *Unterseebootes* classe VII foi uma das armas mais eficientes na guerra submarina devido a capacidade de armazenamento de armas e combustível, o que lhes garantia grande poder de autonomia e de ataque:

Esses submarinos tinham 67,4 metros de comprimento, deslocavam 761 toneladas na superfície e 865 toneladas quando submerso. Portavam quatro tubos lançadores na proa e um na popa, transportavam até 14 torpedos – contando dois que iam no convés e que tinha que ser introduzidos para poder ser usados -, navegavam na superfície a uma velocidade máxima de 18 nós e podiam alcançar excepcionalmente oito nós quando imersos. Porém, o mais importante era que gozavam de uma autonomia de quase 10 mil quilômetros, que aumentaria progressivamente durante a guerra até 15 mil quilômetros, graças a tanques que carregavam 120 toneladas métricas de combustível. Chegaram a ser fabricados aproximadamente 600 submarinos desse tipo, mais da metade da produção total do Reich. (DE NAPOLI, Carlos; SALINA, Juan. 2010; p.119).

Baependi

A primeira vítima depois desta permissão foi mercante Baependi. Como resultado, o ataque matou tripulantes das embarcações, passageiros militares e civis. A tragédia parecia maior devido às crianças. Entre os demais navios atacados, este possuía maior contingente (306 pessoas), transportava filhos de oficiais de uma unidade militar, nenhuma escapou com vida.



(Identificada pela roupa e pulseira como “Noeme”, filha do Subtenente Lins Cavalcante. APES, Documentos especiais. Cx. 2).

O Baependi transportava 306 pessoas (73 tripulantes e 233 passageiros), saiu do porto de Salvador, na Bahia, às 7 horas da manhã do dia 15 de agosto, sob o comando do Cap. João Soares da Silva, com destino a Manaus e portos de escala. Não conseguiu realizar sua primeira escala a ser Maceió. Às 19 horas e 5 minutos daquele dia foi atingido por dois torpedos. Uma única baleeira (barco salva-vidas) desprende-se. Salvou-se não mais que 36 pessoas.

Araraquara

Saiu do porto do Rio de Janeiro, no dia 11 de agosto, chegou a Bahia, no dia 14 do mesmo mês. Era comandado pelo cap. Lauro Augusto Teixeira de Freitas e levava a bordo 142 pessoas partiu no dia 15 e teria como primeira escala Maceió. Seu destino foi idêntico. Atingido por dois torpedos às 21 horas. Salvaram-se 11 dentre os 74 tripulantes e 68 passageiros.

Aníbal Benévolo

O Aníbal Benévolo, estava a cerca de 7 milhas das praias sergipanas quando foi atacado. Sob o comando de Henrique Mascarenhas da Silveira, o navio sentiu a agressão por volta das quatro horas da manhã do dia 16 de agosto de 1942.

O ataque foi tão repentino que houve naufrago que não compreendeu realmente o que tinha causado o afundamento. Eis o relato de um dos sobreviventes encontrado em Mangue/ BA, dado aos pilotos do aeroclube de Sergipe:

Perguntaram quem era, o que tinha ocorrido e ofereceram assistência e transporte para Aracaju. A tudo recusou, afirmando que jamais entraria em qualquer veículo a motor. Dizia que a caldeira do navio tinha explodido. Era a única coisa que sabia. Este sobrevivente era o cozinheiro do Aníbal Benévolo. (CRUZ, 1998. p24).

Ao contrário do cozinheiro, o militar Oswaldo Ferreira Ariososa, sobrevivente do Baependi, vivenciou agonia maior, estava muito consciente da causa do naufrágio. Com o auxílio de uma tábua chegou à costa. Relatou que após torpedear o navio, “*o submarino emergiu, acendeu os holofotes e atirou rajadas de metralhadora sobre os sobreviventes*”. (Cruz.p.24).

No dia 17, domingo, torpedearam o Itagiba e também o Arará, que havia se lançado no trabalho de resgate dos naufragos do Itagiba, ambos no litoral da Bahia. A soma das vítimas ultrapassam 600 pessoas. Nunca em sua história o Brasil tinha sofrido um atentado de uma nação estrangeira como esta.

A tragédia se agravava ainda mais pelo fato de não se tratarem de navios de guerra, eram transportes de mercadoria e de pessoas, na época não havia muita opção pra se locomover por vias terrestres, o transporte marítimo se constituía como um importante meio de se chegar às diversas regiões brasileiras, portanto havia grande número de civis como já mencionado. Um dos navios atacado causou maior sofrimento entre os sergipanos - O Aníbal Benévolo; o porto de Aracaju fazia parte da sua rota; muitos sergipanos morreram na tragédia.

Desde o momento em que foi percebido o atraso do Aníbal Benévolo no porto sergipano pelo o comandante dos portos Gentil Homem de Menezes, este convocou o instrutor de pilotagem e presidente do Aero Clube de Sergipe Walter Batista, para vasculhar o

litoral com o propósito de localizar a embarcação e compreender o motivo do atraso, inicialmente o capitão dos portos suspeitou de problemas na hélice, depois de extensa varredura puderam localizar na divisão de Sergipe e Bahia os destroços do navio mercante, a surpresa não poderia ser maior, juntamente com os vestígios do barco puderam perceber sobreviventes nadando em direção à praia. A notícia foi transmitida ao interventor, este por sua vez comunicou ao presidente Getúlio Vargas. Nada pode ser divulgado pela imprensa estadual devido o controle do governo.

Ainda que as autoridades locais buscassem controlar os ânimos da população não divulgando nos jornais os acontecimentos devido ao controle que governo federal possuía da imprensa através do DEIP (Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda). Razão esta que impediu os jornais da época não divulgar os acontecimentos logo que foram conhecidos.

Nos jornais, a permissão de registrar as ocorrências veio tarde devido à rígida censura do DEIP (Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda). Diante desta situação o Correio de Aracaju Publicou um comunicado informando aos seus leitores que em vista de necessitar a imprensa de autorização oficial para publicar notícias referentes ao torpedeamento de nossos navios, e porque essa autorização só nos chegou muito tarde, o “Correio”, não circulou ontem. Dará hoje, entretanto, edições sucessivas, informando ao povo os últimos acontecimentos. (CRUZ, 1998. p. 30).

As notícias, através de testemunhas, a cerca de corpos que chegam às praias e a causa dos afundamentos que os vitimaram, causaram um imenso alvoroço em Sergipe, principalmente em Aracaju, esta foi palco de protestos e várias manifestações, desde passeatas à depredação de bens de estrangeiros alemães e italianos.

A razão da agressão aos estrangeiros ainda que parcialmente infundadas, seriam suspeitas de traição, apelidados de “*Quinta Coluna*”, sofreram prisões tiveram seus bens destruídos e etc. O caso mais conhecido foi a invasão a residência de Nicola Mandarin, descendente de italianos. Os manifestantes afirmavam que ele possuía um aparelho de rádio capaz de emitir sinal às embarcações do Eixo. Foi perseguido, preso e depois inocentado por falta de provas que comprovassem ligações com as nações inimigas.

Até religiosos foram investigados, neste caso os padres alemães que viviam no Convento dos Franciscanos, localizado no bairro Santo Antônio. Testemunhas afirmavam verem sinais luminosos partidos da colina do Santo Antônio em direção ao mar. A população começou a suspeitar dos padres.

Nada se confirmou a respeito de quem emitia os sinais ou qual o propósito e o mais importante se de fato isto aconteceu. Embora as suspeitas não fossem nenhum absurdo devido informações oficiais de suspeitas de estrangeiros alemães estarem trabalhando como espões no nordeste: *Uma tarefa de grande prioridade estabelecida pelas autoridades americanas (...), era identificar, localizar, e neutralizar os agentes secretos alemães no Brasil. (...) Os Cônsules americanos, especialmente no nordeste, intensificaram sua vigilância no segundo semestre de 1941.* (HILTON, 1977. p.255).

O que sabe com certeza é que a capital sergipana, mais que qualquer outra cidade, estava convivendo com uma situação nunca experimentada, por isso que o pânico fez parte daquele momento. As pessoas leigas afirmavam que era o fim do mundo, outros que era presepada do diabo. Muitos termos eram empregados na tentativa de expressar as impressões do fato recorrente.

Naquela época o administrador municipal empossado a pouco mais de quatro meses passou por uma série de desafios:

Em 31 de março o comerciante José Garcez Vieira foi nomeado “prefeito de Aracaju” pelo interventor Maynard Gomes, tomando posse no dia 1º de abril do mesmo ano. Esteve à frente da municipalidade aracajuana no período de 1942 a 1945. (Cruz, 1998. p.19).

O prefeito teve que lidar com a dificuldade de abastecimento de alimento, o que causou carestia. Motivo: nenhum navio se ariscava em aportar no litoral sergipano, esta situação elevou o número de furtos. É pensar como as ações do submarino alemão influenciaram no cotidiano de Sergipe. Além do medo do desconhecido (muitos leigos não tinham a mínima ideia do que era um submarino), o desespero pela perda de compatriotas tinha que conviver com privação de consumo de gêneros básicos.

Diante dos acontecimentos, não restava outra possibilidade ao governo brasileiro a não ser se preparar para a guerra. O Brasil abandonara a neutralidade e se envolvera no conflito, a partir do momento em que permitira aos Estados Unidos, a utilização de bases militares no nordeste, para o ataque aos nazistas, Dacar e em outros pontos da África; quando assim o fez já imaginava as escolhas que iria fazer caso a situação com Eixo se agravasse. Estava na hora de se preparar para o conflito.

Em Sergipe foi iniciada a construção de um novo quartel o 28º Batalhão de Caçadores, foi construído em um elevado, atual Bairro 18 do Forte, local estratégico devido à visão panorâmica da cidade. Foi criado o Esquadrão da Cavalaria da Força Policial, esta força policial foi bastante atuante nos momentos mais tensos vivenciado pelos aracajuanos, nas ruas estavam controlando o comportamento dos cidadãos, principalmente aqueles que descumpriam as medidas de segurança; elevou-se a Companhia do Corpo de Bombeiros no município de Aracaju. Surgiu o Serviço de Defesa Passiva Antiaérea que orientava as pessoas como proceder diante de um possível ataque aéreo. A Fundação Cruz Vermelha e A Legião Brasileira de Assistência incentivavam o trabalho feminino (enfermeiras, telefonistas, secretárias).

Apesar da distância da Europa, para um ataque aéreo; foram feitas simulações de ataques em Aracaju. Organizado pela Diretoria de Defesa Passiva, aconteceram quatro simulados, dois durante o dia e outros dois à noite. Cerca de 130 pessoas participaram. É importante destacar que a não obediência a estes treinamentos resultaria em punições, tamanha era a seriedade devido à crença na possibilidade de ataque alemão através de bombardeiros. Estas medidas revelam o estado de terror que o estado de Sergipe estava imerso.

O Brasil declara guerra aos países do eixo em 22 de agosto de 1942, através do decreto presidencial que institui o estado de guerra em todo território nacional (DL 10.358), iniciou-se a mobilização militar, algo que exigiu, tempo, dinheiro e esforço para aparelhamento das forças armadas. A FEB (Força Expedicionária Brasileira), formada em 23/11/1943. Foi o resultado da mobilização geral militar e investimentos norte americano. Reservistas foram convocados em toda a nação. Sergipe contribuiu significativamente: *“Os documentos históricos pertinentes à contribuição sergipana na F.E.B atestam 277. Acreditamos ter este número superado a casa dos 300”*.(SANTOS, 1977. p.32).

Acabada a guerra em 1945, os sergipanos voltaram vitoriosos: “*Em 1945 quando a guerra acabou; aqui na praça (Fausto Cardoso) teve um grande carnaval, o carnaval da vitória; então foi um carnaval em que todo mundo se esbaldou. Daí em diante reinou a paz*” (Murilo Mellins. Entrevista concedida a Rubens de Carvalho para o Documentário U-507 em 2008).

O CEMITÉRIO DOS NÁUFRAGOS COMO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ESTADUAL

Se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de consagrar lugares. Não haveria lugares porque não haveria memória transportada pela história. (NORA, 1993. p. 7)

A frase do historiador francês Pierre Nora, chama bastante atenção para o fato da volatilidade da memória. Por esta razão, os lugares de memórias são bastante importantes no processo de manutenção da memória, ou seja, sem eles muito do que se viveu seria sucumbido pelo tempo, restando apenas à história a incumbência de informar ao homem contemporâneo os fatos que antecederam à sua existência: “*Fala-se tanto de memória porque ela não existe mais. (...). Há locais de memórias porque não há mais meios de memória.*” (NORA, 1993. p. 7).

O monumento como lugar de memória possui um papel perpetuador do conhecimento histórico:

O *monumento* tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos. (Le Goff, 2003. p.226).

Pensando na Segunda Guerra Mundial no Brasil e em Sergipe, levando em consideração tudo o que foi citado a respeito dos ataques alemães em nossa costa, não seria prudente encarregar apenas aos discursos de professores e demais intelectuais a missão de

lembrar aos homens de hoje os fatos que nos “arrastaram” para o maior conflito da história. Além do papel da história em transmitir os efeitos da covardia da Alemanha ao atacar navios mercantes na costa de um país neutro, temos um monumento que preserva o sentido da declaração de Guerra aos países do Eixo.

Construído em 1972 pelo governo do estado de Sergipe em parceria com a Capitania dos Portos, O Cemitério dos Náufragos (monumento), localizado no Povoado Mosqueiro em Aracaju capital do estado de Sergipe conserva a essência do maior golpe que o estado brasileiro sofreu por uma nação estrangeira.

Em 1972, o Cemitério dos Náufragos foi erguido no povoado Mosqueiro, área de expansão de Aracaju. A história dos três torpedeamentos (Baependi, Araraquara e Aníbal Benévolo) foi materializada em uma pequena construção em mármore. Ele é simbólico, pois seus túmulos estão vazios. No entanto, não deixa de ser um *monumentum*. (CRUZ, 2012. P. 131)

Não é vão que em uma tábula tumular há o seguinte registro: *“aí está o golpe mais traiçoeiro e terrível vibrado contra o coração da nacionalidade”*.

Podemos considerá-lo como um monumento guardião da memória da Segunda Guerra Mundial em Sergipe. A sua existência está vinculada ao firme propósito de honrar a memória daqueles que cruelmente tiveram ceifadas suas vidas no maior ataque naval que o Brasil sofreu.

Além do memorial é importante falar do local que recebeu os corpos dos náufragos:

Em 9 de setembro de 1942, a Chefatura de Polícia de Sergipe fez assinalar nas sepulturas a seguinte inscrição: *“vítima do Nazismo”*. Pela primeira vez, centenas de brasileiros foram mortos em uma ação militar empreendida pela Alemanha Nazista na América do Sul. Então, vários “cemitérios improvisados” foram abertos à beira mar. Covas individuais e coletivas, com cruzeiros toscas e improvisadas. (Cruz, 2012 p.131)

O professor Luiz Antônio Pinto Cruz menciona em sua dissertação esta informação de que na época da tragédia existiram *“vários cemitérios improvisados”*; atualmente existe apenas um cemitério dos Náufragos localizado na rodovia José Sarney, porém com alguns

nomes atribuídos a ele pelos moradores locais: Náufragos, Manguinhos e Campo Santo (Campinhos).

Sua origem.

Uma matéria do Jornal da Cidade de 30 de dezembro de 2012 chama a atenção para a origem do Cemitério, o motivo da matéria e falar dos cemitérios clandestinos em Aracaju, entre eles o dos Náufragos (é importante destacar que o monumento tombado fica na rodovia dos náufragos/mosqueiro), este está localizado a beira mar na Rodovia José Sarney nas imediações do povoado Robalo, ainda continua considerado clandestino apesar da sua importância histórica – algo absurdo; porém o que chama a atenção são as controvérsias quanto a sua origem, alguns moradores locais defendem que a existência deste cemitério antecede aos torpedeamentos, antes conhecido como Manguinhos, Campinhos (Campo Santo); só depois dos inúmeros corpos enterrados devido aos naufrágios passou a ser conhecido também como Cemitério dos Náufragos:

Sobre esse cemitério uma controvérsia persiste: moradores mais antigos da Zona de Expansão² afirmam que o Cemitério dos Náufragos não surgiu com a tragédia dos navios torpedeados e que o cemitério já existia há muito anos antes, com o nome de Manguinhos, por outro lado há relatos que dão conta que foi com os corpos das vítimas do torpedeamento que foi inaugurado o Cemitério dos Náufragos. (JORNAL DA CIDADE.NET, 30 de dezembro de 2012)

A polêmica em torno da clandestinidade dos vários cemitérios na Zona de Expansão de Aracaju levou o MPE (Ministério Público Estadual obrigar a Prefeitura de Aracaju interditar o cemitério dos náufragos entre os anos).

Em entrevista ao jornalista Osmário o Sr. Salto dos santos, o “Manequito”, fala como era o procedimento quando os eram encontrados:

Meu nome é Salto dos Santos. Nasci no dia 25 de setembro de 1919. (...) Na Segunda Guerra, fui guarda costeiro, mandado pela polícia para prestar serviços aqui na praia, reparando os acontecimentos que tinham por aqui. Eu levava o pessoal para o Cemitério dos Náufragos. Pegava na praia os corpos dos náufragos, botava nas costas e levava para o cemitério. Ficava noite e dia patrulhando a praia na procura dos submarinos. Se avistasse, informava para a polícia. (Santos, 2004. p.290-291).

Devido ao estado alguns tiveram que ser rapidamente enterrados:

Entre os corpos que chegaram às praias sergipanas, alguns deles estavam tão destroçados que se encontraram apenas pedaços: “parte do esqueleto, bacia, coxas e pernas, encontradas no lugar denominado de Coroa do Claudiano”; outros apresentavam tamanha fase de putrefação que, quando finalmente localizados, precisaram ser rapidamente enterrados. (MAYNARD; ASSIS).

Tombamento

O Brasil declara guerra em 22 de agosto de 1942, este foi o dia em que decidimos lutar. O mais importante é pensar por quem lutamos? E entender que não havia alternativa. Os motivos já foram listados, os navios permanecem no fundo do atlântico e os inúmeros corpos que foram encontrados, enterrados. Porém, sua história não pode sucumbir como foram as embarcações.

Na década de 70 o órgão responsável pela preservação de monumentos era o DCPH (Departamento de Cultura e Patrimônio Histórico Estadual), O DCPH estava vinculado à Secretaria de Estado da Educação, dirigido pela professora Núbia Marques; a ela é atribuído os pareceres para o tombamento do monumento aos naufragos:

Em 20 de setembro de 1971 a então diretora do departamento de cultura e patrimônio histórico professora Núbia Marques, solicitou ao secretário de educação do governo Paulo Barreto Dr. Marcos Pinheiro o tombamento do cemitério. No entanto o levantamento da sua história mostrou que não mais existem no cemitério os corpos dos naufragos, pois segundo informações para um monumento no mosqueiro. Na ocasião foi restaurado pela “SUDOPE” com recursos do Ministério da Marinha e Governo do Estado e inaugurado solenemente com a presença do alto comando da marinha. (CARVALHO; MELO; SILVA, 1987).

Através de iniciativa da professora Núbia Marques o Cemitério dos Naufragos se torna Patrimônio Histórico Estadual.

Paulo Barreto de Menezes, então governador do estado de Sergipe por decreto eleva a Monumento Histórico o Cemitério dos Naufragos em 20 de Junho de 1973:

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SERGIPE

ANO LII – ARACAJU- QUINTA-FEIRA, 28 DE JUNHO DE 1973 – N. 16 936

Decreto Nº 2571 – De 20 de Junho de 1973

Eleva a Monumento Histórico o “Cemitério dos Náufragos”.

O governador do Estado de Sergipe, usando das suas atribuições legais com base no art. 59 item IV combinado com o art. 153 ambos da constituição do Estado e;

CONSIDERANDO que o fato histórico que marca a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, foi o torpedeamento dos navios brasileiros Baependi, Almirante Benévolo e Araraquara, em agosto de 1942, nas costas de Sergipe;

CONSIDERANDO que este ato de barbárie vitimou brasileiros inocentes e indefesos;

CONSIDERANDO que este atentado nazi-fascista foi um insulto a nossa soberania, revidado com denodo e desassombro;

CONSIDERANDO que a nossa história repleta de tradições gloriosas não pode olvidar ou negligenciar tais fatos;

CONSIDERANDO que as novas gerações precisam cultivar no heroísmo e valor de seus antepassados, a honra e soberania da Pátria;

DECRETA:

Art. 1º - Fica o Monumento “Cemitério dos Náufragos”, situado no povoado Mosqueiro, Município de Aracaju, elevado a “Município Histórico”, por guardar os despojos e perpetuar a memória daqueles que vitimados tombaram inocentes clamando pela PAZ.

Art. 2º - A Secretaria de Educação e Cultura através do seu Departamento de Cultura e Patrimônio Histórico (DCPH) cuidará da sua conservação.

Art. 3º - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio “OLÍMPIO CAMPOS” em Aracaju, 20 de junho de 1973, 152º da Independência e 85º da República.

[Carimbo: Engº PAULO BARRETO DE MENEZES Governador do estado]

[Carimbo: Dr. JOÃO CARDOSO NACIMENTO JUNIOR Secretário de Educação e Cultura]

(DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SERGIPE. 28 DE JUNHO DE 1973 – N. 16 936).

Os pesquisadores Marcos Paulo Carvalho Lima e Leandro Sousa de Oliveira ao produzir o artigo: “Preservação dos Bens Históricos, Culturais e Naturais em Sergipe”, acrescentam a seguinte informação a respeito do monumento em estudo: “*Cemitério dos Náufragos, Arquitetura funerária, século XX. Elevado a monumento histórico pelo Decreto nº 2.571, de 20 de maio de 1973. Rodovia dos Náufragos. Inscrição no Livro de Tombo nº 01-Geral - fl. 25;*”.



CEMITÉRIO DOS NÁUFRAGOS (Local em que foram enterradas várias vítimas dos ataques do submarino alemão U-507). Também chamado de Campo Santo (Campinhos) e Manguinhos. Localizado na Rodovia José Sarney, Aracaju/SE.

Foto tirada em: 09 de Setembro de 2014. (Acervo pessoal).



CEMITÉRIO DOS NÁUFRAGOS (Monumento). Localizado na Rodovia dos Náufragos, Povoado Mosqueiro, Aracaju/ SE. Tombado em 20 de junho de 1973 como Monumento Histórico Estadual. Inscrição no Livro de Tombo nº 01- Geral - fl. 25.

Foto tirada em 11 de fevereiro de 2015. (Acervo pessoal).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que o Cemitério dos Náufragos pudesse ser elevado a monumento foi necessário o reconhecimento da sua importância para a memória e a história do nosso estado. A participação da professora Núbia Marques foi muito importante para que o tombamento ocorresse. Ao que podemos perceber o processo de tombamento tramitou no extinto DCPH (Departamento de Cultura e Patrimônio Histórico), órgão vinculado à da Secretaria de Estado da Educação na década de 1970, enquanto a professora Núbia era diretora.

Até o fechamento deste texto não foi encontrado o Processo de Tombamento do Cemitério dos Náufragos, algo lamentável, visto que, maiores informações não puderam ser transmitidas.

Durante a pesquisa feita entre os meses de outubro de 2014 a Fevereiro de 2015, os seguintes locais foram visitados: Conselho Estadual de Cultura, SUBPAC (Subsecretaria de Estado do Patrimônio Histórico e Cultural), APES (Arquivo Público do Estado de Sergipe), Diário Oficial do Estado de Sergipe, IHGSE (Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe); em nenhum dos locais mencionados o referido processo foi encontrado, algo que chama bastante atenção; o que se pode perceber é o descaso com que a memória do Estado de Sergipe tem sido tratada, considerando que o Cemitério dos Náufragos representa um importante marco na história do estado de Sergipe. Além simbolizar a razão da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, ainda mais, é muito provável que seja o único monumento dedicado aos náufragos no país devido à geografia dos ataques (a maior parte dos outros naufrágios ocorreu distante da costa brasileira).

REFERÊNCIAS:

- ALMEIDA, Marcelina das Graças de. **Cemitério: história e patrimônio –um debate sobre Educação Patrimonial**. Terceiro Congresso de história e patrimônio cultural: patrimônio, sociedade e museus/ Caderno de resumos: organizadores, Áurea da Paz pinheiro... [et. al]. – Parnaíba, Piauí: EDUFPI, 2012. 84p.
- ALVES, Vágner Camilo. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: História de um envolvimento forçado**. Rio de Janeiro: Editora PUC- Rio, 2002. 208 p.
- CARVALHO, Ana Conceição Sobral de. Melo, Maria José Mendonça. SILVA, Maria José Tenório da. **Memória de Aracaju**: \j. Andrade. Ano 1987. 37p.
- CARVALHO, Rubens. **U-507**. Sergipe, 2008. 15min.
- COSTA, Anailza Guimarães. **Os Torpedeamentos no Litoral de Sergipe em 1942: estrangeiros e integralistas sob suspeitas**. Cadernos do Tempo Presente, São Cristóvão: 6a edição.
- CRUZ, Luiz Antônio Pinto. **A GUERRA JÁ CHEGOU ENTRE NÓS: O cotidiano de Aracaju durante a guerra submarina (1942 -1945)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia- Orientadora Lina Maria Brandão de Aras. Salvador, 2012.
- _____. **Aracaju: Memórias de uma Cidade Sitiada (1942-1945)**. São Cristóvão, 1999.
- DANTAS, Ibarê. **História de Sergipe: República (1889-2000)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.
- DE NAPOLI, Carlos; SALINA, Juan. **Ultramar Sul: a última operação secreta do Terceiro Reich**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- FERRO, Marc. **História da Segunda Guerra Mundial**. Tradução de Mauro Lando e Isa Mara Lando. São Paulo, Ática, 1995, 192 pp.
- FERREIRA, Jorge. ZENHA, Celeste (org). **O século XX**. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2005, p. 165-19
- GONÇALVES, Williams da Silva, **A Segunda Guerra Mundial**. In: FILHO, Daniel Aarão.
- HILTON, Stanley E. **SUÁSTICA SOBRE O BRASIL: A história da espionagem alemã no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. 357p.
- HOBBSBAWM, E. **A Era da Guerra Total**. In: Era dos Extremos: o breve século XX. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.p. 29-60
- LE GOFF, Jacques. **Documento/monumento**, In, Historia e memória. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão, Suzana Ferreira Borges. 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003. p. 525-539.
- MAGALHÃES, Nestor. **U Boats, Mergulhando na História**. 2ª Edição.Porto Alegre: Redes Editora, 2011.
- MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **O Brasil sob Ataque: Aracaju durante a Segunda Guerra Mundial**. In: O Brasil e a Segunda Guerra Mundial, Multifoco, Rio De Janeiro, 2010.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos; ASSIS, Raquel Anne Lima de. **O Fim do Mundo Começou no Mar: Os ataques do submarino U-507 ao litoral sergipano em 1942.** FAPITEC,

MELO, Janaina Cardoso; CERQUEIRA, Rafael Santana Rosa. **Cemitério dos Náufragos: uma Proposta de Arqueologia Histórica em Sergipe.** Revista Getempo; Ed. 09, 2002. Disponível em: <<http://www.getempo.org/index.php/revistas/50-edicao-n-09-setembro-de-2012/artigos/131-cemiterio-dos-naufragos-uma-proposta-de-arqueologia-historica-em-sergipe-por-janaina-cardoso-de-mello-e-rafael-santa-rosa-cerqueira>>. Acesso em 06/02/2015 às 12h37min.

MOTTA, Márcia Maria M. **A Primeira Grande Guerra.** In: FERREIRA, J., REIS FILHO, D.A., ZENHA, C. (Orgs.). O século XX: o tempo das certezas – da formação do capitalismo à Primeira Guerra Mundial. Civilização Brasileira, 2005.p.231-252.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares,** In: Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

SANTOS, Maria Nele. **A participação de Sergipe na II Grande Guerra** /[1977] Universidade Federal de Sergipe, Centro de Educação e de Ciências Humanas.

SANTOS, Marcelo Monteiro dos. **U-507: O submarino que afundou o Brasil na Segunda Guerra Mundial.** Salto, SP: Schoba, 2012.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. **O século XX: entre luzes e sombras.** In: O século sombrio: uma história geral do século XX. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.p.1-25.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SERGIPE:ANO LII – Aracaju- Quinta-Feira, 28 de Junho de 1973 – N. 16 936.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares.** Projeto História; Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP, São Paulo, n.10, dez. 1993.

JORNAL DA CIDADE. NET

DISPONÍVEL EM: <<http://www.jornaldacidade.net/noticia-leitura/69/37553/missa-homenageia-enterrados-em-cemiterio-clandestino-.html#.VNoBBnJZ31c>>. Acesso em 10/02/15 às 10h10min

SANTOS, Osmário. **Oxente! Essa é a nossa gente.** Aracaju: Editora Ós, 2004. 526p.

Cemitério dos Náufragos. Disponível em: <<http://grupominhaterreaesergipe.blogspot.com.br/2013/03/cemiterio-dos-naufragos-em-aracajuse.html>>. Acesso em 14/02/2015.